



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS EDUCACIONAIS, DESIGUALDADES DIGITAIS E FORMAÇÃO CRÍTICA EM TERRITÓRIOS RURAIS

Sávio Roberto Nunes Barroso¹; Hellen Patrícia Cereja Santana¹; Edione Cristina Damasceno¹; Carmem Lúcia de Souza Castro¹; Maria Celeste Gomes de Farias²

¹Discente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, IFPA Campus Castanhal.

²Docente do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, IFPA Campus Castanhal.

RESUMO

As transformações provocadas pela inteligência artificial vêm modificando significativamente os processos educativos, as formas de produção do conhecimento e as relações sociais na contemporaneidade. Entretanto, tais avanços tecnológicos ainda ocorrem de maneira desigual em territórios rurais, comunidades quilombolas, áreas indígenas e vilas de difícil acesso, onde persistem limitações relacionadas ao acesso à internet, à formação digital e ao uso crítico das tecnologias. O presente estudo possui abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e reflexiva, desenvolvido a partir de pesquisas e debates realizados no âmbito da Licenciatura em Educação do Campo do IFPA Campus Castanhal. Os resultados evidenciam que a inclusão digital no campo não depende apenas da presença da internet, mas também da garantia de formação educacional crítica, investimentos em infraestrutura tecnológica e fortalecimento das políticas públicas voltadas aos sujeitos do campo.

Palavras-chave: Educação do Campo; inteligência artificial; inclusão digital; educação rural; tecnologia.

INTRODUÇÃO

A inteligência artificial tem se consolidado como uma das principais transformações tecnológicas do século XXI, impactando profundamente os processos de ensino, aprendizagem e produção do conhecimento. Seu avanço vem alterando metodologias pedagógicas, ampliando possibilidades de acesso à informação e redefinindo as relações entre educação e tecnologia.

Entretanto, apesar dos avanços observados nos centros urbanos e em instituições mais estruturadas, essas transformações não se distribuem de forma igualitária entre os diferentes territórios e grupos sociais. Em comunidades rurais, quilombolas, aldeias indígenas e localidades de difícil acesso, persistem desafios históricos relacionados ao acesso à internet, à infraestrutura tecnológica e à formação para uso educacional das ferramentas digitais.

No contexto da Educação do Campo, essas desigualdades tornam-se ainda mais evidentes. Conforme Caldart (2004), a Educação do Campo deve reconhecer os sujeitos, os territórios e seus modos de vida como centrais na construção dos processos educativos. Dessa forma, discutir inteligência artificial no campo exige compreender que as tecnologias precisam dialogar com as realidades locais e com as necessidades concretas das populações rurais.



Embora muitas comunidades já tenham ampliado seu acesso à internet e aos dispositivos móveis, observa-se que isso não garante, necessariamente, apropriação crítica das tecnologias. Em muitos casos, estudantes e educadores utilizam recursos digitais de forma limitada, sem acesso pleno às potencialidades educacionais da inteligência artificial.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo discutir os desafios e possibilidades da inteligência artificial no contexto da Educação do Campo, considerando desigualdades digitais, limites estruturais e a necessidade de formação crítica em territórios rurais.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica, documental e reflexiva. O estudo foi desenvolvido a partir de debates, pesquisas e observações realizadas por discentes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo do IFPA Campus Castanhal.

Foram utilizados referenciais teóricos relacionados à Educação do Campo, inteligência artificial, inclusão digital e desigualdades educacionais, buscando estabelecer diálogo entre a literatura científica e as realidades vivenciadas em territórios rurais.

A análise dos dados ocorreu de forma interpretativa, considerando relatos, observações de campo e estudos sobre dificuldades enfrentadas por estudantes e educadores em comunidades rurais, especialmente no que se refere ao uso educacional das tecnologias digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados evidenciam que o avanço da inteligência artificial e das tecnologias digitais vem alcançando progressivamente os territórios rurais, especialmente por meio da ampliação do acesso à internet e da utilização de dispositivos móveis. Contudo, verificou-se que a presença da tecnologia, isoladamente, não garante inclusão digital ou democratização do conhecimento.

Em diversas comunidades rurais, quilombolas e indígenas, estudantes ainda enfrentam dificuldades relacionadas ao uso educacional das tecnologias digitais. A exclusão digital, portanto, não se resume à ausência de internet, mas envolve também ausência de formação tecnológica, precariedade de infraestrutura e insuficiência de políticas públicas voltadas ao campo.

Outro desafio identificado refere-se às condições estruturais das escolas rurais. Muitas instituições ainda enfrentam limitações como baixa conectividade, ausência de laboratórios de informática, equipamentos insuficientes e pouca formação docente voltada às tecnologias emergentes.

Arroyo (2012) afirma que sujeitos historicamente marginalizados também vivenciam processos de exclusão nos sistemas educacionais, o que contribui para manutenção das desigualdades sociais. No contexto atual, essa exclusão também se manifesta no acesso desigual à inteligência artificial e às oportunidades que ela oferece.

Além disso, Santos (2007) destaca que muitos territórios periféricos permanecem invisibilizados nos processos de produção científica e tecnológica. Isso significa que, muitas vezes, os debates sobre inovação não consideram as especificidades e necessidades das populações rurais.



Outro aspecto relevante refere-se ao uso superficial da tecnologia. Observou-se que muitos estudantes utilizam celulares e internet prioritariamente para redes sociais e entretenimento, sem orientação para utilização acadêmica ou científica. Essa realidade reforça a necessidade de formação crítica, conforme defende Freire (1989), ao afirmar que a educação deve promover autonomia e emancipação.

Assim, a inteligência artificial pode representar oportunidade importante para democratização do ensino no campo, desde que acompanhada de políticas públicas, formação docente e estratégias educacionais contextualizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo permitiu compreender que os avanços da inteligência artificial vêm provocando transformações significativas na educação contemporânea. Contudo, esses avanços ainda não alcançam de forma equitativa os territórios rurais e os sujeitos historicamente marginalizados.

Embora o acesso à internet tenha se ampliado nos últimos anos, persistem desafios relacionados à formação tecnológica, infraestrutura escolar e uso crítico das ferramentas digitais. Dessa forma, verificou-se que inclusão digital não pode ser compreendida apenas como acesso técnico, mas como condição de participação crítica e emancipatória.

Além disso, constatou-se que o debate sobre inteligência artificial precisa incluir os sujeitos da Educação do Campo, reconhecendo suas realidades, seus territórios e suas demandas específicas.

Conclui-se que fortalecer políticas públicas de inclusão digital, formação docente e democratização tecnológica torna-se essencial para garantir que a inteligência artificial contribua efetivamente para redução das desigualdades educacionais e fortalecimento da Educação do Campo.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. *Outros sujeitos, outras pedagogias*. Petrópolis: Vozes, 2012.

CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, n. 78, p. 3-46, 2007.